

ANÁLISE DISCURSIVA DE CARTAZES DO MOVIMENTO DE CASAS DE ESTUDANTES

Nágila Muniz Barros ¹
Aline Maria Pereira ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os discursos presentes nos cartazes do Movimento de Casas de Estudantes - MCE, pelo viés da Análise do Discurso (AD); tendo como suporte teórico Fiorin (1998), Brandão (2004) e outros que nortearam a compreensão acerca do processo. Dessa forma, a análise identifica os discursos apresentados a partir dos cartazes; a escolha foi feita a partir dos históricos de luta de estudantes residentes em vulnerabilidade socioeconômica, que tem como pilar esse movimento para manifestar as melhorias nas residências universitárias de todo país, através dos cartazes produzidos nos atos, e demonstrar como essas manifestações têm ganhado força nos últimos anos. Desse modo os discursos foram observados levando em conta a intenção do sujeito que escreve e a condição em que são escritos esses cartazes, notando os interlocutores e a mensagem que está sendo transmitida, também analisando o seu contexto histórico e político que produz efeitos significativos na construção das práticas comunicativas refletidas por meio do discurso.

Palavras-chave: MCE, Análise do Discurso, Cartazes, Sujeito.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que se deteve na investigação de cartazes dos atos do Movimento de Casas de Estudantes, conhecido pela sigla MCE, na perspectiva da Análise do Discurso.

No período Imperial (XIX) surgiram as primeiras repúblicas estudantis, onde jovens necessitavam de lugares para reuniões, para dialogar sobre suas ideias republicanas, assim consolidando uma ação política. Logo após o período da Ditadura Militar (1964-1985), as casas de estudantes serviram como locais estratégicos de refúgio e resistência³.

No decorrer da história, as residências foram ganhando mais força e os estudantes passaram a se articular, criando um evento anual que conta com a presença de universidades federais e estaduais de todo o país. Como pilar mais importante desses eventos estão os atos realizados pelos estudantes que buscam a melhoria das residências, que se conferem na criação de cartazes como forma de protesto, para causar mudanças nas leis vigentes que regulam as moradias estudantis.

¹ Graduando do Curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas, da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, campus XXI - Ipiaú nagilamb@hotmail.com;

² Professora orientadora: Mestra, do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, campus XXI - Ipiaú alinelmaria@hotmail.com.

³ Fonte: Secretaria Nacional de Casa de Estudante. Disponível em: <<http://sencebrasil.blogspot.com.br/p/sobre-sence.htm>>. Acesso em 20 de nov. de 2018

Desse modo, os cartazes foram selecionados em momentos e pertencentes a localidades diferentes, pela internet, conduzindo a compreensão de algumas estratégias das expressões sociais e manifestação linguística. Assim, veremos quatro cartazes dos eventos dos últimos anos, que foram coletadas na página do facebook onde se encontram materiais que servem para entender o contexto do Movimento. Como principais suportes teóricos, temos Mussalim (2004) que estuda a vertente dos pesquisadores Jean Dubois e Michel Pêcheux, onde ambos discutem, dentre outros aspectos, sobre Karl Marx, interessando-se pela luta de classes, história e o movimento social; Fiorin (1998) que aborda sobre a ideologia pelo contexto dos fatores sociais; Brandão (2004) que faz uma análise com base no conceito de Foucault sobre a formação discursiva. Tais teóricos falam sobre os aspectos sociais, que conciliam a escola francesa da análise do discurso com base em Pêcheux, onde os conceitos foram correlacionados com o *corpus* da pesquisa.

Objetiva-se assim compreender a importância dos discursos nos cartazes apresentados; discutir o lugar histórico social do sujeito que enuncia; e observar as condições de produção dos cartazes.

Dessa maneira justifica-se a pesquisa que possibilita o entendimento sobre a militância pela postura social, na qual está inserido o sujeito. Tendo como base um referencial teórico, assim também uma breve explanação sobre o MCE, a análise de dados que dará toda a compreensão ao texto e, por fim, as considerações finais, que indicarão se os objetivos foram alcançados.

METODOLOGIA

Com base no método qualitativo e na leitura bibliográfica, aspecto descritivo e interpretativo, permitindo entender as características mais marcantes dos discursos. Aliando a teoria à análise dos cartazes, observamos como a ideologia presente nos discursos tem grande relevância levando em consideração uma perspectiva cultural, que pode produzir efeitos significativos na construção social do sujeito. Então serão observadas as seguintes categorias de análise: O que é discurso e ideologia, quem é o sujeito que escreve, levando em consideração sua condição de produção.

ANÁLISE DO DISCURSO (AD)

Antes de pontuar o que é Análise do Discurso, devemos entender o que é discurso e texto. Segundo Bakhtin (1998) apud Fiorin (2002) texto seria o todo organizado de sentido, composto por procedimentos linguísticos próprios; enquanto discurso se entrelaça na construção linguística e histórica gerada por um sistema de regras que regem sua especificidade. Dessa forma, o texto é a manifestação de um discurso, tendo uma correlação.

Bakhtin(1992) apud Fiorin(2002) ainda afirma que um enunciador tem sempre um enunciatário, que recebe o enunciado indicando os valores e emoções, onde a própria enunciação constrói o discurso e este evidencia seu sujeito. Então o discurso passa a ser compreendido como o conjunto dos enunciados realizados a partir de uma posição social. Sabendo também que um discurso pode ter diversas funções textuais, que garantem ao texto uma autonomia, de modo que passa a agregar outros textos e ainda faz surgir a criação de outros discursos.

Associado a esses conceitos, Costa Val (1991) retrata que um discurso pode ser aceito, quando o enunciador entende o que é enunciado. Ainda afirma que:

O contexto sociocultural em que se insere o discurso também constitui elemento condicionante de seu sentido, na produção e na recepção, na medida em que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, inclusive quanto às regras sociais da interação comunicativa (uma certa “etiqueta” sócio comunicativa, que determina a variação de registros, de tom de voz, de postura, etc.)

Nessa perspectiva, observamos que o sujeito passa a ser analisado pelos seus aspectos socioculturais, e não somente pelo modo que enuncia. Partindo desse pressuposto, compreendemos que o enunciador depende da participação do enunciatário, que entende o que lhe foi apresentado no discurso a partir dos seus saberes. Assim, como ressalta Brandão (2004) “isso implica dizer que a língua é tomada como produto de diálogos entre os falantes, é um veículo de interação com o mundo e tem o propósito de ocultar questões ideológicas materializadas na linguagem”.

A partir disso, passamos a entender a AD, que tem seu início na década de 1960, marcada pelas questões políticas voltadas aos movimentos políticos e sociais. Diante desse

dito, temos como grande percussor Pêcheux que realiza rupturas nas pesquisas estruturalistas saussurianas, que via a língua apenas pelo viés da estrutura. Passa-se a investigar o discurso, pressupondo os seus sentidos no contexto social, histórico e ideológico, que seria aquele que determina onde o enunciado está inserido.

Nessa linha de pensamento, analisa-se o discurso como reprodução, pois, mobiliza uma dimensão social, sendo exterior á da língua. Quando se diz que o discurso não é individual, quer dizer que esse não foi gerado somente por um sujeito, mas nele estão marcadas a ideologia e as estruturas sociais. Com relação a isso cita-se o trecho a seguir:

O falante, suporte das formações discursivas, ao construir seu discurso, investe nas estruturas sintáticas abstratas temas e figuras que materializam valores, carências, desejos, explicações, justificativas e racionalizações existentes em sua formação social. Esse enunciador não pode, pois, ser considerado uma individualidade livre das condições sociais, não pode ser visto como agente do discurso. Por ser produto de relações sociais, assimila uma ou várias formações discursivas, que existem em sua formação social, e as reproduz em seu discurso. (FIORIN, 2005, p.43)

Nessa concepção, o sujeito da Análise do Discurso de Linha Francesa é assujeitado a uma ideologia. Sendo subordinado a ideias e representações que justificam a ordem social, as condições e relações da vida dos homens. Desse modo, entendemos que ideologia seria de acordo a Fiorin (2007) “o conjunto de ideias e representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com outros homens” havendo assim um entrecruzamento com os fenômenos linguísticos e, por isso, a formação ideológica é um dos principais elementos a partir dos quais a AD trabalha.

Dessa forma, o autor explica que,

a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio ideológica. (BRANDÃO, 2004)

Nota-se então que os sujeitos se constituem nas várias formas discursivas, apontando sentidos diferentes a partir das suas posições ideológicas.

O sujeito

Entendem-se os tipos de sujeito para as diferentes fases da AD como destaca Mussalim (2004), por exemplo, na AD-1, o sujeito não pode ser concebido sendo originário do próprio discurso, uma vez que cada processo discursivo é gerado por uma “máquina discursiva” termo usado por Pêcheux (1983/1990, p.133). Desse modo, o sujeito é entendido como um ser submetido às regras específicas, apenas reproduzindo os discursos anteriores a ele.

Na segunda fase da AD (AD-2), influenciada pelos trabalhos de Foucault, nega-se a noção do sujeito marcado pela “ideia de que o sujeito é uma função, e que ele pode estar em mais de uma” evidencia Possenti apud Mussalim (2004). Afirma, ainda, que “o sujeito, apesar da possibilidade de desempenhar diferentes papéis, não é totalmente livre” assim, é possível perceber que o sujeito não é dono da sua vontade e sofre as imposições de uma formação ideológica e discursiva ou submete-se à própria natureza inconsciente.

A terceira fase da AD (AD-3) é marcada pela heterogeneidade discursiva, ou seja, a presença do “eu” que perde sua centralidade e aparece o “outro” no discurso, o inconsciente, que passa a fazer parte de sua identidade. Assim, a AD-3 foca na questão da identidade discursiva e na noção de teorias do inconsciente. Pêcheux (1975) reconhece que a heterogeneidade é peculiar ao discurso e que ela é produzida pelas várias posições assumidas pelo sujeito.

Desse modo, o sujeito do discurso é concebido pelo assujeitamento ao qual ele faz parte. Então os discursos são apresentados com base no contexto ao qual se produz, considerando as diferentes posições sociais do sujeito. Nessa direção, devemos também observar as condições históricas, sociais, institucionais e até mesmo as condições subjetivas de produção.

Condição de produção

Após o exposto, faz-se uma reflexão do discurso relacionado ao contexto histórico, político e social em que são produzidos. Pêcheux (1997) apud Brandão (2002) emprega ao contexto a denominação de condições de produção; de acordo com a autora:

No discurso, as relações entre esses lugares, objetivamente definíveis, acham-se representadas por uma série de “formações imaginárias” que designam o lugar que o destinador e destinatário atribuem, a si mesmo e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. (BRANDÃO, 2002, p. 44)

Sendo assim, as condições de produção são fundamentadas nos sujeitos e na sua posição social (papel imaginário), que tem significado a partir das formações ideológicas. Dessa maneira, nos discursos estão presentes várias vozes que são inseridas em diferentes formações discursivas, tornando-se significativas num determinado contexto sócio- histórico ideológico.

BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO MCE

Neste tópico, discorre-se sobre o MCE, onde seu início não tem data precisa, porém sabe-se que o Movimento Estudantil (ME), falando de um modo geral, surgiu na década de 1990, quando a Assistência Estudantil é considerada “gasto desnecessário” e são extintos os repasses financeiros às universidades públicas. A partir daí, a deterioração das casas de estudantes e da universidade reforça a importância das/os estudantes residentes se articularem.

Dentre essas ações, surge o Encontro Nacional de Casas de Estudantes (ENCE), destacando-se como a instância máxima deliberativa do MCE. Documentos históricos não apontam precisamente quando começaram, mas se sabe que sua história está espalhada por diversas partes do país, por exemplo, “o primeiro de que se tem notícia foi o XIII ENCE em Curitiba/PR, em 1988, conforme cartaz envelhecido exposto numa vitrine dos corredores da Casa do Estudante Universitário do Paraná.”⁴

Diante desse fato, com a abertura política, o MCE ganhou mais liberdade organizacional e de ação, mantendo seu viés apartidário; então somente a partir de 2004, documentos históricos passam a ser catalogados e disponibilizados em mídias eletrônicas, como exemplo, no blog da Secretaria de Casa de Estudante (SENCE). A partir desses eventos cria-se a Secretaria Nacional de Casas de Estudantes (SENCE) que é a entidade que

⁴Fonte: Blog da SENCE. Disponível em: <<http://sencebrasil.redelivre.org.br/historico-do-mce/>> Acesso em 08 de dez. de 2018

representa nacionalmente todas as moradias estudantis do Brasil, que trabalha de forma horizontal, com representantes de todas as regiões do país. (TEODORO, 2008)

Através dos ENCE's, que atualmente são anuais, os estudantes residentes se organizam e amadurecem debates e lutas visando uma política de assistência estudantil que de fato promovam a inclusão e permanência na educação de nível superior. Durante suas plenárias, existem discussões para melhorias relacionadas às políticas públicas de assistência, visando o bem estar integral dos residentes. É importante ressaltar que nesses eventos também são realizados atos, que seriam a manifestação desses estudantes residentes, através de cartazes e palavras de ordem em função de mobilizar reitores, universidades e pró-reitorias, para o aprimoramento das condições de moradia e permanência.

ANALISANDO OS CARTAZES

Correlacionando a teoria à análise dos cartazes, observaram-se as seguintes categorias: ideologia, quem é o sujeito que escreve e qual sua condição de produção. Com isso, não deve-se deixar de perceber que a comunicação tem caráter sócio ideológico e não pode ser observada fora do seu contexto de produção.

O discurso do sujeito consiste, conforme Pêcheux (1997) apud Brandão (2004), em pensar que é ele a fonte, a origem do sentido do que diz, mas sabe-se que esse é movido pela formação ideológica. Assim, o tema dos cartazes em questão é a valorização da assistência estudantil, que deve ser tratada como prioridade pelas universidades. Pêcheux (1993) apud Brandão (2004) define que a formação discursiva refere-se “ao que pode e deve ser dito em determinada situação”, ou seja, é ela que determina o que pode e o que deve ser dito de acordo com a formação social, com pilar no contexto sócio-histórico. Por sua vez, a presença da ideologia que é entendida como efeito da relação entre sujeito e linguagem, está presente em toda manifestação do sujeito.

Logo entende-se que os residentes que produziram os cartazes escolheram esse instrumento de comunicação como uma forma de se manifestar e protestar; promovendo não só o evento, mas também assumindo-se como autores dos enunciados que, ao mesmo tempo, revelam ideologias de um grupo social – os residentes. Essa forma de expressão possibilita o

contexto das lutas históricas dos movimentos sociais e também a responsabilidade social, imposta na militância.

A formação ideológica presente nos discursos perpassa pelos estereótipos de pessoas que necessitam de uma assistência estudantil de qualidade, já que essas se encontram na luta diária pela permanência na universidade. Desse modo, relacionam-se todos os sujeitos como residentes que se encontram em vulnerabilidade socioeconômica. A partir disso, foram separadas quatro fotos, encontradas na página do facebook da SENCE, dos dois últimos atos (2016-2017), ocorridos nos ENCE's (Pelotas/Brasília), como vemos a seguir:

Figura 1 – Assistência estudantil de qualidade não é favor, é direito!



Fonte: Página do facebook da SENCE no 40º ENCE / PELOTAS – RS 2016:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1011304318980891&set=ao.1764841260458843&type=3&theater&ifg=1>.

No texto percebe-se a presença das ideologias, por exemplo, na palavra “assistência” colocada como um direito do estudante, já em relação a “não é favor”, subentende-se que as instituições de ensino superiores devem conceder aos estudantes, um melhoramento da condição de acesso e permanência. Ao passo que subentende-se que há um discurso ou ações, possivelmente por parte do governo, como se assistência fosse um favor. E o movimento visa combater esse discurso. O termo “qualidade” refere-se à necessidade urgente de melhorias estruturais e ações mais efetivas em relação à assistência.

Figura 2 – Moradia não se adia !!! Luta por permanência!

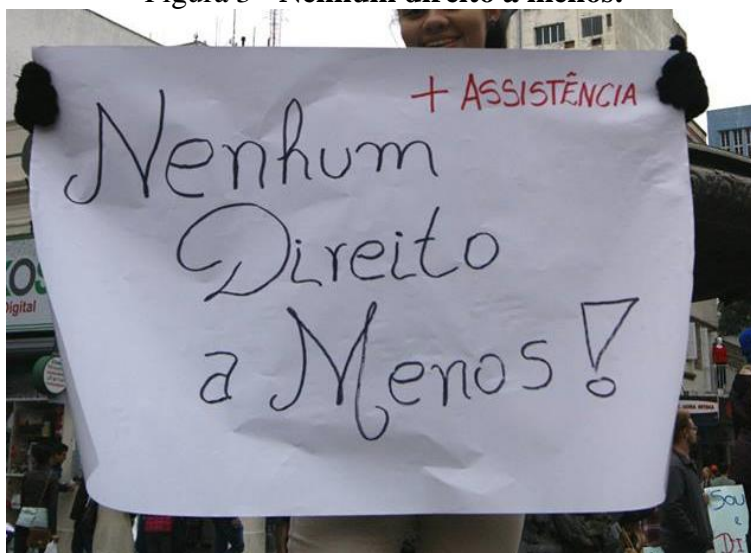


Fonte: Página do facebook da SENCE no 40° ENCE / PELOTAS- RS 2016:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1130677503660340&set=ao.1767073440235625&type=3&theater>.

Na escrita do cartaz, utiliza-se um discurso adequado ao contexto de enfrentamento. O termo moradia se destaca pela necessidade do ser humano em residir em um espaço físico. Logo a residência universitária é responsabilidade das entidades superiores, e quando essa não cumpre com sua obrigação, prejudica a permanência do estudante que passa a buscar pelo aperfeiçoamento das condições de vida. Logo o enunciado evidencia que o movimento caracteriza-se como uma forma de luta, considerando a presença da palavra. Assim, defende a importância da moradia como condição necessária e ao mesmo tempo a necessidade de reivindicações para garantir esse direito. Ou seja, são discursos e ideologias que perpassam pelo enunciado, e conseqüentemente, que fazem parte do MCE.

Figura 3 - Nenhum direito á menos!



Fonte: Página do facebook da SENCE no 40° ENCE / PELOTAS – RS 2016:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1130680923659998&set=ao.1767073440235625&type=3&theater>.

As ideologias presentes nesse discurso estão implicitamente ligadas às reivindicações pelos seus direitos; onde o estudante deve ser assistido de forma digna, pelas instituições. Assim revelando posições dos protagonistas do discurso que são representações de lugares determinados na estrutura da formação social.

Figura 4 - MCE Luta



Fonte: Página do facebook da SENCE no 41° ENCE / BRASILIA – DF

2017:<https://www.facebook.com/ence2017/photos/pcb.315025922304500/315024985637927/?type=3&theater>.

O marcador ideológico se ressignifica na palavra “luta”, do verbo lutar, colocando o MCE em ação, diante do cenário de desinteresse por parte dos representantes maiores das instâncias universitárias. Aqui retoma o discurso de “luta” e o MCE se coloca nesse lugar social de protesto para a garantia de direitos.

Esse enunciado representa o papel social e ideológico do movimento, assim os residentes que fazem parte do MCE, então são submetidos aos valores e normas impostos socialmente, incorporando papéis importantes no cumprimento das funções sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises, evidenciou-se o sujeito da enunciação, como assujeitado, influenciado ideologicamente ou heterogêneo, mas esse deixa nos seus discursos marcas decorrentes de suas experiências, ou seja, integrantes do grupo social MCE. Também destacou-se a ideologia da classe dominante, que seria o governo, ligado as instituições de ensino, onde surge a concepção de que quem cria os cartazes pré-estabelece suas estratégias discursivas, mas também são influenciados por outros discursos.

Então percebeu-se que os cartazes analisados são processos comunicacionais históricos, políticos e sociais, então é possível concluir que eles refletem linguisticamente ideologias sociais de uma classe menos favorecida economicamente, dentre as ideologias encontradas, destacamos: o MCE como um movimento de luta; a moradia é um direito; os direitos dos estudantes devem ser respeitados e assegurados, há um descaso por parte dos governantes ao acreditarem que assistência estudantil é um favor, dentre outros. Ao compreender os cartazes dos protestos, logo, entende-se a língua em uso e como um ato social.

REFERÊNCIAS

Brandao, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução a análise do discurso**. 2 ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

Blog da SENCE. Disponível em: <<http://sencebrasil.redelivre.org.br/historico-do-mce/>>
Acesso em 08 de dez. de 2018.

COSTA VAL, M.G. **Redação e Textualidade**. S. Paulo, Martins Fontes: 1991.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8.ed. São Paulo: Ática,2005, p. 5 – 34.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

_____. **Elementos de análise do discurso**. 11. ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

FERNANDES, Célia Bassuma. **Seria o sujeito totalmente assujeitado?**.

UEL/UNICENTRO, 2008. Disponível em:

<<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/SERIA%20O%20SUJEITO%20TOTALMENTE%20ASSUJEITADO%20fernandes.pdf>>. Acesso em 09 de dezembro de 2018

SANTANA, Lousana de Jesus. Residências universitárias da UNEB: uma perspectiva da construção desse direito. 2018.

Secretaria Nacional de Casa de Estudante. Disponível em:

<<http://sencebrasil.blogspot.com.br/p/sobre-sence.htm>>. Acesso em 20 de nov. de 2018

MARIZ . Candida Lemos França. **Contrato de leitura: um estudo da especificidade do discurso dos meios de comunicação impressos**. Disponível em:

<http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol2_n1_2008/7_contato_de_leitura.pdf>. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

MUSSALIM, F. **Análise do discurso**. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.).

Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Figura 1 Disponível na página da

SENCE:<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1011304318980891&set=ao.1764841260458843&type=3&theater&ifg=1>>. Acesso em: 17 de nov. de 2018.

Figura 2 Disponível na página da

SENCE:<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1130677503660340&set=ao.1767073440235625&type=3&theater>>. Acesso em: 17 de nov. de 2018.

Figura 3 Disponível na página da

SENCE:<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1130680923659998&set=ao.1767073440235625&type=3&theater>>. Acesso em: 17 de nov. de 2018.

Figura 4 Disponível na página da

SENCE:<<https://www.facebook.com/ence2017/photos/pcb.315025922304500/315024985637927/?type=3&theater>>. Acesso em: 17 de nov. de 2018.